

A CENA CONTEMPORÂNEA: A HISTERIA E SUAS NOVAS ROUPAGENS

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues¹
Lorena dos Reis Gonçalves²
Rogéria Araújo Guimarães Gontijo³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar elementos referentes à histeria na cena contemporânea, envolvendo seu contexto histórico-cultural e suas manifestações frente ao discurso capitalista e suas nuances. O trabalho baseou-se nas contribuições tecidas por Sigmund Freud sobre os sintomas histéricos desde o início da sua carreira e nas indagações de Jacques Lacan frente ao discurso capitalista. Para pensarmos a histeria na contemporaneidade, é preciso nos debruçar sobre as vicissitudes da cultura atual e como o sujeito faz laço e se posiciona frente às novas exigências. É preciso considerar que os discursos sofreram modificações, desde Charcot e Freud até os dias atuais. Portanto, constatou-se que as novas roupagens históricas não alteram o sintoma de insatisfação que caracteriza a histeria, mas fica claro que esses sintomas sofrem influências de novas exigências da nossa cultura contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Histeria. Discurso. Contemporaneidade. Capitalismo.

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis (UEMG). Especialista em Gerontologia Social. Mestra em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis (UEMG). Doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São del-Rei, Campus Centro-oeste Dona Lindu (UFSJ/CCO). E-mail: melo.claudia@hotmail.com. Telefone: (37) 99902-8650. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7111-9648>

² Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário UNA, Unidade Divinópolis. Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela Faculdade Pitágoras, Unidade Divinópolis. E-mail: lorenadivi04@gmail.com. Telefone: (37) 99993-9432. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7389-7953>

³ Graduação em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis (UEMG). Mestra em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: raggontijo@hotmail.com. Telefone: (37) 9 9987-0497. ORCID: <https://orcos.org/0000-0002-0030-2055>

INTRODUÇÃO

Atualmente, a cultura midiática denuncia o culto ao corpo e uma busca inalcançável pelo ideal, através de procedimentos estéticos, recorrência a dietas compulsivas, cirurgias e intervenções possíveis no corpo. Muitos destes sintomas podem ser pensados pela ótica da histeria na contemporaneidade, considerando especificidades presentes caso a caso. A histeria deve ser pensada no contexto histórico cultural e vista de forma plástica, em constantes mudanças no que diz respeito às suas formas de apresentação.

O corpo hiper investido e o discurso capitalista alimentam uma falsa completude e, conseqüentemente, uma produção de sofrimento e insatisfação. As históricas da contemporaneidade não são protagonistas como na época de Freud, mas coadjuvantes, e os gritos são dos psicofármacos que tentam silenciar a histeria (LACAN, 1977/2007).

Sociólogos como Lasch e Debord fazem um mapeamento da sociedade atual, o que reflete diretamente na discussão da histórica na cena contemporânea, principalmente nos aspectos referentes à imagem do corpo e ao laço social. Essas contribuições dialogam entre si no que se refere às novas formas de organizações sociais que operam no modo de funcionamento psíquico de cada sujeito. Ao mesmo tempo, demarcam características peculiares nas nomeações que fazem nesse cenário.

Os sintomas sociais históricos contemporâneos estão relacionados com a sociedade atual, nomeada por Debord como “A sociedade do espetáculo”⁴, e acompanhados por um empuxo a gozar sem limites de satisfação, que se apresentam como um reflexo da cultura, uma tela de projeção, na qual a imagem fixada é negada por aquele que a aprecia.

Para Debord (1967/2006), a sociedade do espetáculo é regida pela economia do consumo, sendo a mercadoria elemento central na vida social, colaborando com a travessia do ser para o ter. Os objetos são produzidos como “pseudo-necessidades”

⁴ Debord (1967/2006) caracteriza a sociedade do espetáculo como a sociedade mediada pelas imagens.

(DEBORD, 1967/2006). Neste sentido, o espetáculo é uma relação social que se comunica através de imagens, promovendo, assim, uma ilusão feita por aparências, na qual o sujeito se vê limitado em relação ao próprio reconhecimento.

Lasch (1983) coloca o narcisismo patológico como um fenômeno social. Isso é refletivo nas manifestações sintomáticas que aparecem no corpo como conversões históricas. Estas são nomeadas das mais diversas formas no discurso médico, e, por meio dele, há um aumento de adoecimentos. Para este autor, em cada época, são criadas formas particulares de adoecimento que se expressam através de cada organização. Na cultura do narcisismo, a subjetividade fica aquém, e o que se destacam são a performance e o culto à produtividade em massa, voltados para um individualismo contemporâneo perpassado por uma pluralidade de imagens e estetização.

Ao encontro deste pensamento, Bauman (1999) compartilha a ideia de que a cultura do narcisismo se caracteriza pela incompetência da alteridade do sujeito em um excesso para si mesmo, enaltecendo sua própria imagem. Esta característica aparece nos quadros de histeria no que diz respeito à busca da imagem ideal e ao reconhecimento do outro no aspecto de se posicionar como exceção, uma exclusividade em ser objeto de desejo do Outro. Todas essas ideias corroboram com o que Freud (1893-1899/1980) postulou em relação aos sintomas que eram evidenciados na “epidemia” histórica de sua época.

BREVE HISTÓRICO SOBRE A HISTERIA

Desde o começo da sua carreira, Freud demonstrou interesse pela histeria, dando maior relevância às manifestações que apareciam no corpo. Os sintomas históricos são causados por sofrimentos psíquicos recalçados que tiveram origem na infância do sujeito. Em “Estudos sobre histeria” (1893-1895), ele nos diz: “os históricos sofrem principalmente de reminiscências” (FREUD, 1893-1895/1980, p. 22). Essa descoberta trouxe a ideia de que o trauma causador tem uma elaboração contínua na vida do sujeito histórico e que, quando este sujeito expressa verbalmente, tecendo relatos sobre o trauma psíquico, com o respectivo afeto, pode haver um apaziguamento dos sintomas referentes à crise histórica.

O trauma psíquico, geralmente de caráter sexual, descrito por Freud desde suas investigações iniciais sobre os sintomas históricos, apresentava dinâmica de

ação e reação. Quando uma reação é recalcada diante de uma experiência traumática carregada de afeto, a lembrança deste trauma traz consigo seu afeto original. É importante ressaltar que estas lembranças não estão presentes de forma consciente na memória do sujeito. Freud (1893-1889/1980, p. 23) coloca:

(...) A observação mostra que, no caso de todos os eventos que se tornaram determinantes dos fenômenos histéricos, estamos lidando com traumas psíquicos que não foram totalmente ab-reagidos, ou completamente tratados. Podemos, pois, afirmar que os pacientes histéricos sofrem de traumas psíquicos incompletamente ab-reagidos.

Dessa forma, quando a lembrança da experiência traumática é reanimada, o afeto é retirado da representação ligada com o fato traumático que se convergiu para o corpo histérico. Na histeria, o sujeito sofre com as lembranças que ficam em sua memória, pois “não são as experiências em si que agem do modo traumático, mas a revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual”. (FREUD, 1893-1899/1980, p. 165). Continuando este pensamento, na histeria, a origem do sintoma é somática e psíquica, ou seja, há um envolvimento das duas partes: “Ele não pode ocorrer sem a presença de um certo grau de submissão somática – o psíquico encontra vias orgânicas facilitadas na histeria – oferecida por algum processo normal ou patológico num dos órgãos do corpo ou relacionado com um deles” (FREUD, 1901-1905/1974, p. 38).

Neste mesmo texto, Freud associou a histeria, as obsessões e a fobia como psiconeuroses de defesa, devido à existência de um ponto em comum entre essas neuroses: “Este consistia em que seus sintomas emergiam por meio do mecanismo psíquico de defesa (inconsciente) – isto é, emergiam como uma tentativa de recalcar uma representação incompatível que se opunha aflitivamente ao ego do paciente” (FREUD, 1893-1899/1980, p. 96).

A partir dos relatos de suas pacientes sobre a cena traumática, Freud (1916-1917/1980) substituiu a teoria da sedução pela teoria da fantasia. A fantasia revelada, ou o difícil discernimento sobre o que de fato havia acontecido e o que era da ordem do imaginário se evidenciava. Freud nos diz: “(...) após alguma reflexão, facilmente poderemos entender o que é que existe nessa situação que tanto nos confunde. É o reduzido valor concedido à realidade, é a desatenção à diferença entre realidade e fantasia” (FREUD, 1916-1917/1980, p. 85). Assim, Freud (1893-1895/1980) concluiu que as fantasias apresentam realidade psíquica, realidade essa fundamental na

prática analítica. Ele verificou que o sintoma histérico desapareceria de forma permanente quando a lembrança que havia instigado o afeto era trazida à consciência do sujeito.

HISTERIA NA CONTEMPORANEIDADE E O DISCURSO CAPITALISTA

Na contemporaneidade, a problemática histérica conta com uma multiplicidade expressiva de crises de angústia, desmaios e dores que emergem no corpo, fazendo com que médicos atualmente ainda busquem cunho orgânico. Essa multiplicidade sintomática conduziu a Psiquiatria a eliminar a palavra histeria de sua nomenclatura. Em substituição, em 1980, o DSM-III (*Diagnostic and Statistical Manual*) incluiu a “desordem de personalidade múltipla”, que, em 1994, no DSM-IV, foi alterada para “distúrbios dissociativos da identidade”. Em 2013, foi lançado o DSM-V, ocorrendo mudanças significativas, nas quais os transtornos somatoformes passaram a ser denominados “sintomas somáticos e transtornos relacionados”.

A queixa histérica se desdobra em prescrições medicamentosas, seguindo critérios nosográficos e excluindo qualquer evidência de causalidade psíquica, mesmo que seja falha, pois o inconsciente insiste em ressurgir diante das diversas práticas que tentam impedi-lo e silenciá-lo. Isso nos convoca a pensar:

Por onde andarão as histéricas de outrora, essas mulheres maravilhosas, as Anna O.; as Emmy von N.? Elas representavam não apenas um certo papel, mas um papel social certo. Quando Freud se pôs a escutá-las, foram elas que permitiram o nascimento da psicanálise. Foi a partir de sua escuta que Freud inaugurou um modo inteiramente novo de relação humana. O que substitui hoje estes sintomas históricos de outrora? A histeria não se deslocou, no campo social? A maluquice psicanalítica não a teria substituído? (LACAN, 1977/2007, p. 17)

Lacan nos convoca a pensar sobre as manifestações históricas na sociedade atual e suas especificidades, levando em conta que, neste cenário, os excessos ganham destaque. Se as histéricas de Freud se ocupavam das cenas teatrais que causavam impactos naquela época, em nossa sociedade, que já é um espetáculo, não se apresenta como novidade e furor.

Se pensarmos na época freudiana, o amor das histéricas tinham como referência o pai, sendo este responsável por sustentar o papel do significante mestre (S1). Como fica essa referência na contemporaneidade, na qual se trata de um mestre capital? Em resposta às indagações propostas por Lacan (1977/2007) na Conferência

de Bruxelas, podemos usar seu ensino como um fio condutor para pensarmos a histeria para além da estrutura, mas como um discurso de nossa época. Isto não exime o fato de caracterizar a postura da histérica como um desejo insatisfeito, que se transforma no objeto de desejo do Outro. O sofrimento e a insatisfação se tornam ainda mais evidentes na histeria quando “ela prefere que seu desejo seja insatisfeito a que o Outro guarde a chave de seu mistério” (LACAN, 1960-1961/1992, p. 243). Sendo a insatisfação do desejo característica marcante na histeria, devemos nos ater como isso ocorre no discurso capitalista. Discurso que opera sobre a lógica da promessa pela completude por meio dos objetos e que produz um sujeito permeado pela insatisfação e pelo mercado de consumo. Sobre o discurso capitalista, Rosa (2010, p, 168, grifo da autora) nos diz:

No Discurso Capitalista, os *gadgets*, as quinquilharias, os objetos mais-degozar (a) vêm no lugar da produção e, com um frágil anteparo da lógica significante (S1 -> S2), deixam o sujeito à mercê dos objetos (\$ <- a). Se antes falávamos em um objeto oral, passível de deglutição, de assimilação, de consumição, essas novas apresentações do objeto podem deixar o sujeito atordoadado.

Estes objetos *gadgets* tentam tamponar a castração e o mestre, no qual o sintoma surge com um caráter de demanda e a histérica fala e goza através deles. A histérica toma o Outro como mestre (S1), e a esse Outro direciona sua demanda de insatisfação. Já o saber se coloca no lugar da produção no campo do Outro, e, se há uma provocação de desejo no Outro, conseqüentemente há produção de saber (S2). Lacan (1969-1970/1992, p. 122) coloca que a histérica “quer um mestre sobre o qual ela reine e ele não governe”. Neste sentido, a problemática sobre o que é ser mulher é levada ao limite pela histérica. Este mistério que a circunda é direcionado ao mestre em busca da construção de um saber.

Assim como anteriormente, é observado, hoje, que a histérica carece de ser amada e desejada, causando-lhe sofrimento. Atualmente, as históricas direcionam suas demandas ao saber médico e às cirurgias, além de diversos procedimentos estéticos, como uma forma de solucionar sua angústia e insatisfação. Esta recorrência a algum tipo de procedimento ou intervenção no corpo no cenário contemporâneo ratifica a busca de respostas e satisfação, uma vez que necessita de um Outro que a valorize. Esta incansável busca histérica antes impunha a exigência superegóica “não se satisfaça”. No cenário atual, o supereu ordena o gozo, mas não diz sobre como gozar, havendo uma produção, principalmente na histeria, de sujeitos com buscas

insaciáveis. Estes fazem laço com objetos do significante-mestre capital, pelo discurso capitalista. “O supereu é o imperativo do gozo – Goza! É aí mesmo que se acha o ponto giratório que o discurso analítico interroga” (LACAN, 1972-1973/1982, p. 11).

Em contrapartida, no discurso da histérica, há uma demanda de saber, um enigma do posicionamento sexual de cada sujeito, que discorre sobre o que vem a ser a relação sexual.

Simplemente, o discurso da histérica revela a relação do discurso do mestre com o gozo, dado que o saber vem ali no lugar do gozo. O próprio sujeito histórico se aliena do significante-mestre como aquele que esse significante divide *aquela* no masculino, representa o sujeito, aquele que se recusa a dar-lhe o corpo. (LACAN, 1969-1970/1992, p. 98, grifo do autor)

Fig. 1 – Matema discurso da histérica

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992, p. 98)

Segundo Lacan (1969-1970/1992), no matema, a histérica aparece como dividida, em que o \$ é o agente e o S2 encontra-se numa posição de produção. O sintoma como dominante carece por interpretação, fazendo com que a histérica reconheça suas faltas e busque preenchê-las. Neste sentido, ela se endereça a um mestre, ou a quem ela supostamente acredita deter o significante mestre. “No matema o objeto *a* está na posição da verdade, em disjunção com o saber. Sua verdade é que precisa ser objeto *a* para ser desejada” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 167, grifos do autor). O que a histérica quer, nos afirma Lacan (1969-1970/1992, p. 122),

[...] é um mestre. A tal ponto que podemos indagar se a invenção do mestre não partiu daí [...] Ela quer que o outro seja um mestre, que saiba muitas e muitas coisas, mas, mesmo assim, que não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Quer um mestre sobre o qual ela reine.

Na histeria, o sujeito procura por aquele que sabe, mas, ao mesmo tempo, não quer saber, pois o saber implica sobre um gozo. Se na contemporaneidade há uma reivindicação ao gozo, a histérica se faz para o mestre contemporâneo, que promete

um gozo sem limites através dos produtos do consumo que se tornaram uma resposta da sociedade atual para tentar dar conta da insatisfação. Ainda há encenação com o corpo e diversos discursos que permeiam a sexualidade. No entanto, o mestre contemporâneo tenta silenciar através da indústria medicamentosa, que oferece retornos rentáveis. Ele não queima a histérica como bruxa, mas tenta fazê-la desaparecer por meio de classificações psiquiátricas.

Durante as últimas décadas, é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio. Sob outro aspecto, é possível que até se tenha dado um passo atrás no conhecimento da histeria. A Idade Média estava familiarizada de modo preciso com os “estigmas” da histeria, seus sinais somáticos, e os interpretava e utilizava à sua própria maneira (...) (FREUD, 1886-1889/1980, p. 18, grifo do autor)

Voltando à atualidade, a mídia e o capitalismo aparecem, assim, como vitrines que possuem modelos a seres copiados, e sua imagem é dada para o consumo através de acessórios, maquiagens e próteses, ao quais são colocados instrumentos a fim de alcançar o ideal da completude, mesmo que pela via da ilusão. Se a mulher histérica não tem o falo, ela busca sê-lo através de identificações por outras mulheres; ela não deseja ser o objeto de gozo para o Outro, quer provocar o desejo, se desviando, assim, de perceber o próprio desejo.

A sociedade do espetáculo e a cultura do narcisismo tentam privar a histérica de seus questionamentos, mas sempre falta, e a falta segue fazendo com que as questões históricas se apresentem com novas roupagens. Pensar na histérica na contemporaneidade nos convoca a pensar nos laços sociais para que elas possam desejar e sustentar o desejo para além do discurso do mestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível falar sobre a temática da histeria sem localizá-la no contexto histórico em que ela se insere. Este estudo está longe de esgotar a complexidade da histeria, mas busca trazer apontamentos sobre ela no cenário contemporâneo, articulados com o discurso do mestre, no qual este oferece inúmeros produtos que prometem satisfação. Esse gozo escapa, e o discurso capitalista tenta preencher as faltas incansavelmente por meio da produção e do consumo. Diante disso, nos

deparamos com nomenclaturas e patologias intermináveis que excluem a histeria de cena. Foi observado como as históricas contemporâneas se apresentam e se articulam diante do gozo e do Outro e como o discurso capitalista enquanto mestre impõe formas de gozar para que as históricas respondam, seja com o corpo ou com o uso de psicofármacos. Os sintomas que se apresentam na atualidade não aparecem como nas históricas de Freud e Charcot, mesmo que a origem do sintoma seja a mesma. Na atualidade, o excesso exige das históricas novas formas de exibição frente ao mal-estar, desafiando-as a saber sobre seu próprio desejo. Assim, a histórica contemporânea diante do mestre capitalista apresenta uma nova performance em seus sintomas, como uma solução possível frente ao impasse das exigências pulsionais da cultura e da sua busca de satisfação. Neste sentido, embora a histeria se apresente com outras roupagens, os sintomas sociais continuam aparecendo com outras especificidades decorrentes das influências contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DEBORD, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- FREUD, S. (1886-1889). Relatório sobre meus estudos em Paris e em Berlim. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 01 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- _____. (1893-1895). Considerações teóricas. In: _____. *Estudos sobre histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 02 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- _____. (1893-1899). As neuropsicoses de defesa. In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 03 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- _____. (1901-1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. VII.
- _____. (1916-1917). Psicanálise e psiquiatria. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 16 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- LACAN, J. (1960-1961). *O seminário: livro 8: a transferência*. Brasil, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. (1969-1970). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1992.
- _____. (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- _____. (1977). *Conferência de Bruxelas*. Inédita, 2007.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ROSA, M. Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 157-171, 2010.

THE CONTEMPORARY SCENE: HYSTERIA AND ITS NEW GUISES

ABSTRACT

This article aims to present elements related to hysteria in the contemporary scene, involving its historical-cultural context and its manifestations in front of the capitalist discourse and its nuances. The work was based on the contributions made by Sigmund Freud on hysterical symptoms since the beginning of his career and on Jacques Lacan's questions regarding the capitalist discourse. In order to think about hysteria in contemporary times, it is necessary to focus on the vicissitudes of current culture and how the subject ties and positions himself in the face of new demands. It is necessary to consider that the speeches have undergone changes, from Charcot and Freud to the present day. Therefore, it was found that the new hysterical clothes do not alter the symptom of dissatisfaction that characterizes hysteria, but it is clear that these symptoms are influenced by new demands of our contemporary culture.

KEYWORDS: Hysteria. Speech. Contemporaneity. Capitalism.

LA SCÈNE CONTEMPORAINE: L'HYSTÉRIE ET SES NOUVELLES FORMES

RÉSUMÉ

Cet article vise à présenter des éléments liés à l'hystérie dans la scène contemporaine, impliquant son contexte historico-culturel et ses manifestations devant le discours capitaliste et ses nuances. L'ouvrage s'appuyait sur les contributions de Sigmund Freud sur les symptômes hystériques depuis le début de sa carrière et sur les interrogations de Jacques Lacan sur le discours capitaliste. Pour penser l'hystérie à l'époque contemporaine, il est nécessaire de se concentrer sur les vicissitudes de la culture actuelle et sur la manière dont le sujet se lie et se positionne face aux nouvelles demandes. Il faut considérer que les discours ont subi des changements, de Charcot et Freud à nos jours. Par conséquent, il a été constaté que les nouveaux vêtements hystériques ne modifient pas le symptôme d'insatisfaction qui caractérise l'hystérie, mais il est clair que ces symptômes sont influencés par les nouvelles exigences de notre culture contemporaine.

MOTS-CLÉS: Hystérie. Discours. Contemporanéité. Capitalisme.

RECEBIDO EM 31/01/2021

ACEITO EM 25/08/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO